

REPORTAGEM



**NO ACRE: ALAGAÇÃO RIMA COM EXPLORAÇÃO,
QUE RIMA COM ELEIÇÃO,
QUE RIMA COM EXPULSÃO,
QUE POR SUA VEZ RIMA COM MIGRAÇÃO.**

ALAGAÇÃO

SOS ACRE

Francisco Redante *

Nos primeiros vinte dias do mês de fevereiro de 1988, Rio Branco e o Acre viraram manchete de jornais, revistas, noticiários nacionais e internacionais. Uma quarta parte da cidade do Rio Branco ficou debaixo da água barrenta e contaminada do Rio Acre, dezoito bairros ficaram totalmente inundados e aproximadamente 40 mil pessoas desa-

brigadas, números suficientes para criar uma situação de calamidade pública na cidade.

Muitas famílias perderam tudo o que possuíam dentro de casa e muitas casas foram engolidas pela fúria do rio transbordado. Muita gente clamou por um abrigo, por um remédio, por uma roupa e por um prato de comida. A fome e o desespero torna-

ram-se incontroláveis por muitas vezes.

Quando a imprevidência e os desleixos dos governantes se tornam armas e instrumentos de manutenção do poder e de exploração econômica em favor de meia dúzia de privilegiados, a grande maioria do povo trabalhador é colocada à margem da sociedade. A alagação é um fato natural, o que não é natural são as condições de moradia desse povo, na maioria ex-seringueiros, antigos senhores da mata e tão valentes "soldados da borracha".

Numa situação de calamidade como a vivida pelo povo acreano não se procura culpados, eles são colocados no anonimato pelas grandes campanhas de solidariedade, prontamente desencadeadas. E realmente o povo brasileiro é de uma solidariedade invejável. Mas a maioria das campanhas de solidariedade servem para tampar o sol com a peneira. O governador do Acre logo se preocupou em pedir verbas e ajuda ao governo federal e ao povo brasileiro. A ajuda e a solidariedade vieram imediatamente; foram mais de 500 toneladas de alimentos, remédios, roupas e calçados, uma ajuda suficiente para alimentar todos os alagados por mais de dois meses. Avião da FAB fizeram até quatro vôos por dia, trazendo alimentos, roupas, remédios e calçados, que chegaram a Porto Velho, RO, por via rodoviária. Navios trazem a ajuda de Manaus e muitos caminhões carregados conseguiram vencer o lamaçal da BR-364 e chegar até Rio Branco com a tão preciosa ajuda. No dia 16 de março um avião cubano pousava pela primeira vez em solo brasileiro, trazendo 10 toneladas de alimentos e remédios para o povo alagado. Essa solidariedade é também expressada através de centenas de bilhetes deixados dentro dos sacolões provenientes de vários estados brasileiros.

Segundo o noticiário da imprensa local, perdeu-se o controle sobre o montante da ajuda; são feitas denúncias de desvios de roupas e



alimentos destinados aos desabrigados. "Ninguém sabe" dizem os jornais, como queijos dinamarqueses, suíços e até mineiros foram parar nas festinhas do fim de semana de clubes sociais e piscinas de luxo, servidos com caipirinhas e maltes escoceses e mais direitos privados. Além disso foi denunciado que políticos estão estocando os alimentos não perecíveis e roupas para formar os sacolões eleitoreiros, uma tradição política nas campanhas eleitorais. Tanto é verdade que no início de março de 1988 uma multidão de desabrigados fez uma manifestação diante do palácio do governo pedindo comida. Cadê a comida? O gato comeu!

A distribuição dos alimentos virou caso de polícia tanto pelas denún-

cias de desvio, como pelos tumultos diários na hora da distribuição na frente da LBA - Legião Brasileira de Assistência. Estão acusando que os tumultos são insuflados por agitadores da esquerda, mas todos sabem que eles são fruto da fome e do desespero de centenas de pessoas.

Na área da saúde houve um atendimento razoável, o que não quer dizer que venha resolver os problemas de saúde de um multidão de pessoas que vivem todos os anos no meio da lama e da água contaminada. Até agora não foram constatadas epidemias generalizadas, a não ser alguns casos de leptospirose e malária.

A igreja de Rio Branco organizou um trabalho à altura de quem se preocupa com as condições sociais de miséria do povo. Formou uma equipe de trabalho e mobilizou todas as comunidades. Fez levantamentos e montou um plantão de atendimento na paróquia mais atingida pela alagação. Recebeu a ajuda de muitas igrejas e comunidades do Brasil e do exterior. Parte dessa ajuda foi distribuída de forma imediata diante da necessidade de comida, roupa e remédios e a outra parte será usada para organizar e construir um bairro, ainda que pequeno, para os moradores mais atingidos.

Diante de tudo isso é de se perguntar: a alagação é um castigo da natureza? De Deus? Ou tem precedentes decorrentes da política fundiária local?

EXPLORAÇÃO

O custo de vida de Rio Branco e das cidades do interior do estado assusta qualquer visitante dessas terras. É um problema decorrente da situação geográfica? Não. É a ganância de uma classe comercial bem sólida que comercializa a preços aviltantes, que chegam até 400% mais altos do que no centro-sul do país. Esse grupo de bem-aventurados, que formam a classe "distinta" da sociedade riobranquense, agrupados no Lions Clube, manifestou-se contra o asfaltamento da BR 364, porque acabaria com o "bode expiatório" na justificativa dos preços.

Tudo é válido e justificado na busca de lucros fáceis. As empresas de transporte urbano cobram as tarifas mais caras do país. O percurso não ultrapassa os 6 Km, mas os preços têm acompanhado os reajustes de São Paulo, onde as linhas de ônibus perfazem trajetos de até 35 Km.

Se o custo de vida é elevado, o mesmo não acontece com os preços da borracha, castanha e dos produtos agrícolas em geral. Os marreteiros compram a borracha pela metade do preço mínimo garantido pelo governo. Em julho de 1986, um agricultor vendia 60 Kg de arroz para comprar 30 Kg de açúcar; em julho de 1987 era obrigado a vender 230 Kg de arroz para comprar os mesmos 30 Kg de açúcar e em março de 1988, 300 Kg de arroz para comprar 30 Kg de açúcar.

Os seringueiros vendem três quilos de borracha para comprar uma lata de óleo de soja e quase cinco quilos de borracha para comprar um quilo de café. O seringueiro não vende a borracha e a castanha, troca-as por mercadorias a preços triplicados em relação aos praticados nas



cidades. Sendo assim, é muito pequeno o número de seringueiros que têm o privilégio de ver a cor do dinheiro. Grande parte deles, quanto mais trabalha, mais fica devendo no barracão do seringalista. Não é por acaso que, segundo declaração do próprio governador do estado, em 1987 havia mais de 40 mil seringueiros morrendo aos poucos na mata.

Apesar da promessa do governador durante a campanha política e também depois de eleito, de fazer um governo com prioridade agrícola, muito arroz, milho, feijão, café e frutas perderam-se na mata. Os agricultores desanimaram e muitos venderam a terra. Uma política de fachada que comprova que o Acre é o "filé mignon" da Amazônia para a implantação do grande latifúndio.

ELEIÇÕES

Além da situação de miséria econômica, a população acreana ainda não tem acesso à educação escolar; o índice de analfabetismo é de 36%, incluindo os migrantes provenientes de outros estados brasileiros, onde há um número maior de escolas. Sendo um povo analfabeto

e vivendo abaixo das condições dignas de vida, torna-se um povo dependente. A barriga, as necessidades imediatas falam mais alto e isso torna difícil a organização e um trabalho de conscientização sócio-política. A luta é imediatista, busca-se o necessário para viver o dia-a-dia e não se luta por mudanças de estruturas sociais. A dependência, a miséria e a fome cegam a consciência crítica do homem que não tem condições racionais de pensar nas causas que o relegam a tal situação.

Tal estado de dependência torna fácil a compra e venda de votos durante as campanhas eleitorais. Nessas surgem sacolões e dinheiro de todos os lados, só não recebe quem não quer. Mas vêm eleições, passam eleições e os moradores dos bairros continuam vivendo no meio da lama e das poças de água contaminada. Por ocasião do último pleito eleitoral, novembro de 1986, foram distribuídos até sapatos, isto é, um pé antes e outro depois das eleições. A façanha não deu certo, o pé recebido após as eleições veio com número e cores trocados.

Outra forma de compra de votos é o emprego no setor público: são os chamados "recibados". Após as eleições, demite-se em massa. O estoque de alimentos não perecíveis pode se tornar uma grande arma na manutenção da tradicional política de favoritismo e clientelismo nas próximas eleições no Acre. A exemplo da seca no Nordeste, a alagação, fenômeno natural, não escapa de ser capitalizada pelos grupos que detêm o poder econômico e político.

E assim, o migrante que já foi expulso de sua terra, que já foi espoliado em seus direitos (moradia, saúde, educação, lazer, etc.), é também abusado sob forma de joquete fácil nas mãos sujas de quem perdeu o senso mínimo da ética humana.

* (Coordenador do SPM - Serviço Pastoral dos Migrantes - Região Norte)